

Linguagem, subjetividade e história: a contribuição de Michel Pêcheux para a constituição da análise do discurso

Language, subjectivity and history: the contribution of Michel Pêcheux to the constitution of discourse analysis

Antônio Carlos Soares Martins *

Resumo: Este trabalho analisa a contribuição de Michel Pêcheux para os estudos da linguagem e, especialmente, para a constituição da Análise do Discurso enquanto disciplina. Argumentamos que, embora a noção de subjetividade já houvesse sido reincorporada aos estudos lingüísticos, foi a partir de Pêcheux que a língua passou a ser analisada numa perspectiva histórica e social.

Palavras-chave: Estudos lingüísticos, subjetividade, análise do discurso

Abstract: This paper analyzes the contribution of Michel Pêcheux to the study of language and, specially, to the constitution of Discourse Analysis. It is argued that, although the notion of subjectivity had already been reincorporated to the linguistic studies, it was after Pêcheux's works that language started to be analyzed in a historical and social perspective.

Key words: Linguistic studies, subjectivity, discourse analysis

Introdução

Este trabalho propõe analisar algumas discussões de Michel Pêcheux sobre as questões da linguagem e as suas principais contribuições para o desenvolvimento da Análise do Discurso (AD). Inicialmente será esboçado um percurso histórico da AD, procurando definir os principais elementos sob os quais esta disciplina se estabeleceu.

Serão discutidos alguns aspectos do Curso de Lingüística Geral (Saussure, 1974) e da Lingüística da Enunciação¹, destacando posicionamentos e conceitos cuja aproximação ou

* Professor Adjunto do Departamento de Comunicação e Letras da Unimontes; mestre em Lingüística pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU; doutorando em Estudos Lingüísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais; e-mail: antonio.carlos@unimontes.br

¹ Jakobson e Benveniste foram os precursores da Lingüística da Enunciação no Ocidente. Conforme destaca Cardoso (1999), a linguagem deixou de ser vista, na perspectiva da Lingüística da Enunciação, apenas como

distanciamento do pensamento do autor em estudo sejam relevantes para a análise. São destacados, especialmente, os conceitos de língua e fala, aos quais são subsidiários os principais trabalhos posteriores nos estudos da linguagem, seja nelas se apoiando, seja rejeitando-as; e os trabalhos de Benveniste sobre a enunciação que, analisando a linguagem em seu funcionamento, contribuem para a sua libertação da clausura da estrutura, alargando as discussões sobre as questões do discurso.

Esses conceitos e posicionamentos serão analisados comparativamente com a concepção de linguagem e discurso de Pêcheux, procurando estabelecer os seus principais pontos de convergência e/ou divergência.

Tomando como base um dos seus últimos textos de Pêcheux, *A Análise do Discurso: três épocas* (Pêcheux, 1997a), em que ele faz uma síntese da Análise do Discurso por ele arquitetada, serão analisados seus conceitos essenciais e principais passos no desenvolvimento desta disciplina. Serão também considerados alguns aspectos das obras *Análise Automática do Discurso* (Pêcheux, 1997b), *A propósito da análise automática do discurso* (Pêcheux & Fuchs, 1997) para, então, analisar as suas concepções de sujeito, discurso e linguagem em *O discurso: estrutura ou acontecimento* (Pêcheux, 1983).

Filiações teóricas

A Análise do Discurso (AD) surgiu na França, nos anos sessenta do século vinte, tomando o discurso como seu objeto próprio, opondo-se à Análise de Conteúdos, tão difundida na área das Ciências Humanas, as quais concebiam o texto na sua transparência, apenas enquanto projeção de uma realidade extradiscursiva, indiferente às articulações propriamente lingüísticas e textuais.

A AD, por outro lado, buscou realizar uma análise, considerando o texto na sua opacidade. Para ela, a interpretação devia considerar “o modo de funcionamento lingüístico-textual dos discursos, as diferentes modalidades do exercício da língua num determinado contexto histórico-social de produção” (Brandão, 1998, p.19).

No entanto, conforme Maingueneau (1993), já nos formalistas russos, temos uma abertura para o estudo do que seria posteriormente chamado de discurso. Ao operar com o texto,

instrumento externo de comunicação e de transmissão de informação, para ser vista como uma forma de atividade entre os protagonistas do discurso.

buscando nele uma lógica de encadeamentos “transfrásticos”, eles superam a abordagem filológica, então em vigor, nos estudos sobre a língua. Porém, os seus seguidores, os estruturalistas, ao propor o estudo da estrutura no texto “nele mesmo e por ele mesmo”, restringindo-se a uma abordagem imanente do texto, excluem qualquer reflexão sobre sua exterioridade.

O trabalho do lingüista Harris (1952)², que mostra a possibilidade de ultrapassar as análises meramente confinadas à frase, ao estender procedimentos da lingüística distribucional americana aos enunciados (chamados discursos), e os trabalhos de R. Jakobson e E. Benveniste sobre a enunciação foram decisivos para a constituição da AD tal qual ela se apresenta hoje.

No entanto, foram os estudos de Pêcheux, através de suas preocupações com o “instrumento” que forneceram uma base teórico-metodológica para o desenvolvimento da AD.

Língua, fala, subjetividade e discurso

Para construir a noção de discurso, Pêcheux apóia-se criticamente em Saussure, reconhecendo nele o ponto de origem da ciência lingüística.

Saussure atribui à língua, concebida como um sistema, o estatuto de objeto dos estudos lingüísticos, excluindo a fala desse campo. A língua se opõe à fala, sendo a primeira sistêmica e objetiva e a segunda concreta, variável de acordo com cada falante e, por isso, subjetiva.

Para Pêcheux, o deslocamento conceitual introduzido por Saussure consiste em separar a homogeneidade cúmplice entre a prática e a teoria da linguagem pois, sendo a língua pensada como um sistema, ela “deixa de ser compreendida como tendo a função de exprimir sentido; ela torna-se um objeto do qual uma ciência pode descrever o funcionamento” (Pêcheux, 1997b, p.62).

Pêcheux constata que a oposição língua/fala não poderia se incumbir da problemática do discurso, mas, para resolver o problema, ele não procura diluir esta oposição, e, sim, refletir sobre a fala, pólo da oposição menos desenvolvido por Saussure (Cardoso, 1999).

² Segundo Orlandi (2001), Harris consegue, com seu método distribucional, livrar a análise do texto do viés conteudista, mas, para isso, reduz o texto a uma frase longa.

Pêcheux coloca o discurso “entre a linguagem (vista a partir da lingüística, do conceito saussuriano de *langue*) e a ideologia” (Henry, 1997, p.35).

Com a Lingüística da Enunciação, acentuou-se o interesse pelo discurso, já que, colocando a língua em funcionamento, ela liberta-a do fechamento e da imobilidade da estrutura, pois, nesta concepção de língua como sistema ou estrutura, os valores são relativos e diferenciais, bloqueando todo o processo de significação e de mudança lingüística.

Benveniste, um dos precursores da Lingüística da Enunciação, foi um lingüista com formação estruturalista que dedicou a maior parte dos seus trabalhos ao tratamento de questões de lingüística geral. Porém, foram os seus artigos sobre a subjetividade na língua que mais repercutiram entre os estudiosos da linguagem devido ao seu rompimento com Saussure, ao buscar restituir a subjetividade aos estudos lingüísticos.

Na Lingüística da Enunciação, a linguagem não é um instrumento externo de comunicação e transmissão de informação, mas uma forma de atividade entre os protagonistas do discurso.

Na perspectiva de Benveniste, pode-se dizer que,

como forma, a língua constitui uma estrutura, mas como funcionamento, a língua se transforma em discurso, que é o fenômeno temporal da troca, do estabelecimento do diálogo, é a manifestação interindividual da enunciação, é o seu produto (Cardoso: 1999, pp.22-3).

Este autor conceitua a enunciação como uma relação do locutor com a língua, apropriando-se dela e colocando-a em funcionamento.

O sujeito de Benveniste é, em resumo, “um eu que se caracteriza pela sua homogeneidade e unicidade e se constitui na medida em que interage com um tu – alocutário – opondo-se ambos à não-pessoa, ele (eu – tu x ele)” (Brandão, 1991, p.49).

Embora o *tu* seja complementar e indispensável, na relação é o *eu* que tem ascendência sobre o *tu*.

Sendo a enunciação o ato *individual* de colocar a língua em funcionamento, ou de transformá-la em discurso, ela fica, na perspectiva de Benveniste, circunscrita ao espaço do subjetivo e do individual.

Esta dimensão individual e subjetiva atribuída ao discurso vai ser, como veremos a seguir, contestada pela AD que tem como objeto o discurso, considerado como uma instância integralmente histórica e social.

O quadro epistemológico para a AD desenvolvido por Pêcheux apresenta-se como a articulação de três regiões do conhecimento científico: o materialismo histórico como teoria das formações sociais e suas transformações, aí compreendida a teoria das ideologias; a lingüística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo, e a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos.

O desenvolvimento da análise do discurso

Em uma tentativa de problematizar os deslocamentos teóricos da AD, Pêcheux (1997a) analisa três fases por que passou esta disciplina em seu percurso de constituição. Na passagem de um momento para outro houve mudanças significativas, conforme analisa Grigoletto, não apenas de caráter metodológico, mas também teórico. Conforme demonstra a pesquisadora, ocorreu, do primeiro ao terceiro momento,

o abandono de uma posição ‘estruturalista’ que se traduzia, de um lado, numa rigidez na seqüência das etapas da análise – que partia da análise sintática de enunciados elementares para chegar à fase interpretativa de seqüências do *corpus* e, assim, remontar à análise dos processos discursivos (...) e, de outro, numa concepção de sujeito concebido apenas como efeito de assujeitamento à máquina estrutural (Grigoletto, 1998, p.17).

O primeiro momento caracteriza-se pela exploração metodológica da noção de maquinaria discursiva estrutural, concebendo o processo de produção discursiva como “uma máquina autodeterminada e fechada sobre si mesma, de tal modo que um sujeito-estrutura determina os sujeitos como produtores de seus discursos” (Pêcheux, 1997a, p.311). O sujeito acredita-se produtor de seu discurso, mas é apenas assujeitado, suporte para a produção desse discurso.

No segundo momento, com a incorporação dos conceitos de formação discursiva e interdiscurso, há um deslocamento teórico em relação ao primeiro momento, passando a ser foco de estudo as relações entre as máquinas discursivas estruturais.

Uma formação discursiva (FD) é definida como

um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram uma época dada, e para uma área social, econômica e geográfica ou lingüística dada, as condições de exercício da função enunciativa (Foucault, 1987b, pp.43-4).

As FD's estão posicionadas em complexos de FD's relacionadas, referidas como 'interdiscurso' e os significados específicos de uma FD são determinados pelo exterior em sua relação com o interdiscurso. No entanto, os sujeitos não estão conscientes desta determinação externa, percebendo-se como fonte dos significados de uma FD, quando eles são, na verdade, seus efeitos.

A introdução do conceito de formação discursiva coloca em cheque a noção de máquina estrutural fechada, "na medida em que o dispositivo da FD está em relação paradoxal com seu 'exterior': uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente 'invadida' por elementos que vêm de outro lugar" (Pêcheux 1997a, p.314).

Neste momento, a idéia de homogeneidade enunciativa é abandonada como resultado da interação cumulativa de momentos de análise lingüística e discursiva. Esta postura permitiu o deslocamento da noção de constituição do discurso, que passou a ser concebido como constituído no entrecruzamento entre a estrutura e o acontecimento, como conseqüência da mudança de enfoque da estrutura para o acontecimento. Permitiu também, dentro da perspectiva de que a heterogeneidade enunciativa é constitutiva do discurso, a percepção de lugares enunciativos plurais no fio do discurso.

A AD recusa, desde o primeiro momento, "qualquer metalíngua universal supostamente inscrita no inatismo do espírito humano, e de toda suposição de um sujeito intencional como origem enunciativa de seu dizer" (Pêcheux, 1997a, p.311). Porém, foi só a partir do refinamento e, conseqüentemente, a postulação do primado da alteridade, que o sujeito do discurso passa a ser compreendido como um sujeito atravessado pelo inconsciente.

Uma das maiores influências no trabalho de Pêcheux foi a teoria marxista de ideologia de Althusser (1998), na qual ele destaca a autonomia relativa da ideologia de uma base econômica, e a sua significativa contribuição para a reprodução ou transformação das relações econômicas. Ele afirma que a ideologia ocorre em formas materiais e atua através da constituição das pessoas como sujeitos sociais, fixando-os em posições-sujeito e dando-lhes, ao mesmo tempo, a ilusão de serem agentes livres. Esses processos ocorrem em

várias instituições como a família, a lei, a escola, que são, segundo o autor, elementos do ‘Aparelho Ideológico do Estado’.

Segundo (Pêcheux, 1983), o sujeito caracteriza-se por dois esquecimentos: no esquecimento um, o sujeito tem a ilusão de que é o criador absoluto do seu discurso, a origem do sentido, apagando tudo que remeta ao exterior de sua formação discursiva; no esquecimento dois, o sujeito tem a ilusão de que tudo que ele diz tem apenas um significado que será captado pelo seu interlocutor. Há o esquecimento de que o discurso caracteriza-se pela retomada do já dito, tendo o sujeito a ilusão de que sabe e controla tudo o que diz (Pêcheux e Fuchs, 1997, p.168-9).

Pêcheux dá uma grande contribuição aos estudos lingüísticos ao desenvolver a idéia de que a linguagem é uma importante forma material da ideologia. Na sua análise do discurso, ele procura demonstrar os embates ideológicos que ocorrem no funcionamento da linguagem e a existência da materialidade lingüística na ideologia.

Fazendo referência a Nietzsche, ele diz que “todo fato já é uma interpretação”, demonstrando que não temos a perspectiva de essência de um contato com o objeto ou com o outro sem mediação, seja ela qual for. Assim, a linguagem não pode ser compreendida como um sistema significativo fechado, sem relação com o exterior, devendo ser compreendida a partir do contexto histórico-ideológico dos sujeitos que a produzem e que a interpretam. Pêcheux diz, ainda, que é necessário “suspender a posição do espectador universal como fonte da homogeneidade e interrogar o sujeito paradigmático, no sentido kantiano e também no sentido contemporâneo do termo” (Pêcheux, 1983, p.32). Dessa forma, ele não só rejeita a noção kantiana de sujeito consciente que controla os sentidos que produz, como também relativiza a concepção de sujeito inconsciente, que é disperso, descentrado, como é atualmente entendido em AD. Isto aponta para uma importante questão nessa área, pois, considerando que as relações entre inconsciente e ideologia não estão, hoje, bem delineadas, é preciso que se relativize as relações entre a Psicanálise e a AD, pois quando optamos por trazer conceitos de uma área para outra, precisamos ter em mente até que ponto isso não fere o que é a proposta da disciplina.

Em sua reflexão sobre o discurso como estrutura ou acontecimento, Pêcheux discute diferentes caminhos para a abordagem desta questão. Um primeiro, seria tomar um *enunciado* e trabalhar a partir dele. Um outro, consistiria, para o autor, em uma *questão*

filosófica; por exemplo, a da relação entre Max e Aristóteles, a propósito da idéia de uma ciência da estrutura. E um terceiro caminho seria o da tradição francesa de Análise do Discurso, como por exemplo, “levantando, na configuração dos problemas teóricos e de procedimentos que se colocam hoje para essa disciplina, o da relação entre a análise como *descrição* e a análise como *interpretação*” (Pêcheux, 1983, p.17). O autor opta, então, por trabalhar no entrecruzamento desses três caminhos: o do acontecimento, o da estrutura e o da tensão entre descrição e interpretação em AD.

O autor afirma que “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente para derivar para um outro” (Pêcheux, 1983, p.53), o que é significativo para a AD, pois o sentido não é compreendido como uma unidade fixa, já que é histórico e, por isso, pode deslizar-se para outro.

Considerações finais

Observamos que Pêcheux era um leitor muito atento de Saussure, apoiando-se criticamente sobre seus postulados para elaborar suas concepções de discurso. Na Análise Automática do Discurso (AAD-69), são várias as referências ao *Curso de Lingüística Geral*, em uma leitura informada, inteligente e pessoal que faz das noções saussurianas. Isto é “digno de nota em uma época, em geral, caracterizada por um interesse muito vago por Saussure, mais referência do que matéria de trabalho” (Gadet et.al., 1997, p.40).

A lingüística da enunciação foi também essencial para a Análise do Discursos, embora sejam poucas as referências a seus precursores, Benveniste e Jakobson, na AAD-69. A fenda aberta no estruturalismo pelo reconhecimento da enunciação foi fundamental para que se reincorporasse aos estudos lingüísticos a noção de subjetividade. Pêcheux, no entanto, contesta a noção de linguagem como sistema fechado em si mesmo, de Saussure, e a perspectiva individual e subjetiva de enunciação, de Benveniste, considerando a língua numa perspectiva histórica e social.

Através de sua preocupação com o método e de suas discussões sobre o acontecimento e sobre o estatuto do sujeito na linguagem, Pêcheux trouxe contribuições fundamentais para a constituição da AD. Ao conceber o discurso como uma instância inteiramente histórica e social, ele rompe com o “narcisismo da estrutura”, demonstrando que a linguagem, enquanto discurso, não pode ser compreendida como uma unidade significativa, mas como um efeito de sentido entre os sujeitos que a utilizam.

Referências bibliográficas:

ALTHUSSER, L. *Aparelhos Ideológicos do Estado*. Trad. Walter J. Evangelista e Maria L. V. de Castro. 7. ed., Rio de Janeiro: Graal, 1998.

BENVENISTE, E. *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas: Pontes, 1989.

BRANDÃO, M.H.H.N. *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1991.

BRANDÃO, M.H.H.N. *Subjetividade, Argumentação e Polifonia – A propaganda da Petrobrás*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

CARDOSO, S.H.B. *Discurso e Ensino*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

FOULCAULT, M. *A Arqueologia do Saber*. Trad. de Luiz Felipe Beata Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

HENRY, P. Os Fundamentos Teóricos da “Análise Automática do Discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: GADET F.; HAK, T. (Orgs.) *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. de Eni P. Orlandi. Campinas: Unicamp, 1997, pp 13-38.

GADET, F.; LÉON, J.; MALDIER, D.; PLON, M. Apresentação da conjuntura em lingüística, em psicanálise e em informática aplicada ao estudo dos textos na França em 1969. In: GADET F.; HAK, T. (Orgs.) *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. de Eni P. Orlandi. Campinas: Unicamp, 1997, pp 39-60.

GRIGOLETTO, M. *A Resistência das Palavras: Um Estudo do Discurso político sobre a Índia (1942-1947)*. Tese de doutoramento, Campinas, UNICAMP, 1998.

HARRIS, Z. *Discourse Analysis, Language*, nº 28, 1952.

MAINGUENEAU, D. *Novas Tendências da Análise do Discurso*. Trad. de Freda Indursky. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. São Paulo: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET F.; HAK, T. (Orgs.) *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. de Eni P. Orlandi. Campinas: Unicamp, 1997b, pp 61-151.

PÊCHEUX, M. Análise do Discurso: três épocas (1983). In: GADET F.; HAK, T. (Orgs.) *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. de Eni P. Orlandi. Campinas: Unicamp, 1997a, pp 61-151.

PÊCHEUX, M. *O Discurso - estrutura ou acontecimento*. Trad. de Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 1983.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A Propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET F.; HAK, T. (Orgs.) *Por uma Análise Automática do Discurso*: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. de Péricles Cunha. Campinas: Unicamp, 1997, pp 163-235.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Lingüística Geral*. Trad. A. Chelini et al. São Paulo: Cultrix, 1974.